

Letícia Queiroz de Carvalho
Jheniffer Lopes Leite

ENTRE CRÔNICAS E DEBATES:

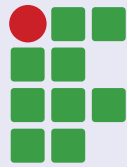
**AS RODAS DE LEITURA E A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EJA**



Letícia Queiroz de Carvalho
Jheniffer Lopes Leite

ENTRE CRÔNICAS E DEBATES:

AS RODAS DE LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EJA



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO



PROFLETRAS

1ª edição
Vitória/ES
2026



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)**

L533e Leite, Jheniffer Lopes.

Entre crônicas e debates [recurso eletrônico] : as rodas de leitura e a formação do leitor literário na EJA / Jheniffer Lopes Leite, Letícia Queiroz de Carvalho. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2026.

78 p. : il. ; 30 cm.
ISBN: 978-65-5331-186-2 (E-book)

1. Educação de adultos. 2. Educação de adultos – Estudo e ensino (Ensino médio). 3. Leitura – Estudo e ensino. 4. Dialogismo (Análise literária). 5. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 6. Professores – Formação. I. Carvalho, Letícia Queiroz de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 374

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES – 656





PROJETO GRÁFICO ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO

A organização visual deste Produto Educativo foi realizada pela designer e ilustradora Aline Antonio. As imagens e os textos utilizados como apoio foram selecionados em sites de acesso público e em obras já publicadas. Em respeito aos/às autores/as e aos direitos de criação, os links e as referências correspondentes são indicados ao longo do material. Esta publicação possui finalidade exclusivamente educativa, sem fins lucrativos.

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara
Vitória - ES - CEP: 29040-780

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dra. Tatiana Aparecida Moreira
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)
Membro Interno

Dra. Margareth Martins de Araújo
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Membro Externo

REVISÃO DE TEXTO

Letícia Queiroz de Carvalho



DIAGRAMAÇÃO/ILUSTRAÇÃO

Aline Antonio
(27) 99807-3770

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

PROFLETRAS/ IFES

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS
Reitora

MAÍRA MACIEL MATTOS DE OLIVEIRA
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

ANDERSON ROZENO BOZZETTI BATISTA
Pró-Reitor de Extensão e Produção

SANANDREIA TOREZANI PERINNI
Pró-Reitora de Ensino

LEANDRO BITTI SANTA ANNA
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

EGLON RHUAN SALAZAR GUIMARAES
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES - CAMPUS VITÓRIA

ANDRÉ GUSTAVO DE SOUSA GALDINO
Diretor Geral do Campus Vitória – Ifes

LUCIANO LESSA LORENZONI
Diretor de Ensino

TELMA CAROLINA SMITH
Diretora de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI
Diretora de Administração e Planejamento

POLIANA DARÉ ZAMPIROLI
PIRES
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

MAYELLI CALDAS DE CASTRO
Coordenadora do Profletras



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Básico

Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos

Público-Alvo: Professores e profissionais atuantes na Educação de Jovens e Adultos.

Categoria deste produto: Didática

Finalidade: Auxiliar professores e profissionais com atuação em qualquer nível, nas práticas de leitura literária na Educação de Jovens e Adultos.

Organização do Produto: O produto foi estruturado em 09 capítulos, a fim de inspirar educadores, alunos e a comunidade escolar com o incentivo e a promoção da leitura no contexto das escolas da Educação Básica do ES.

Registro do Produto: Biblioteca Nilo Peçanha, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES, Campus Vitória.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Meio digital

URL:

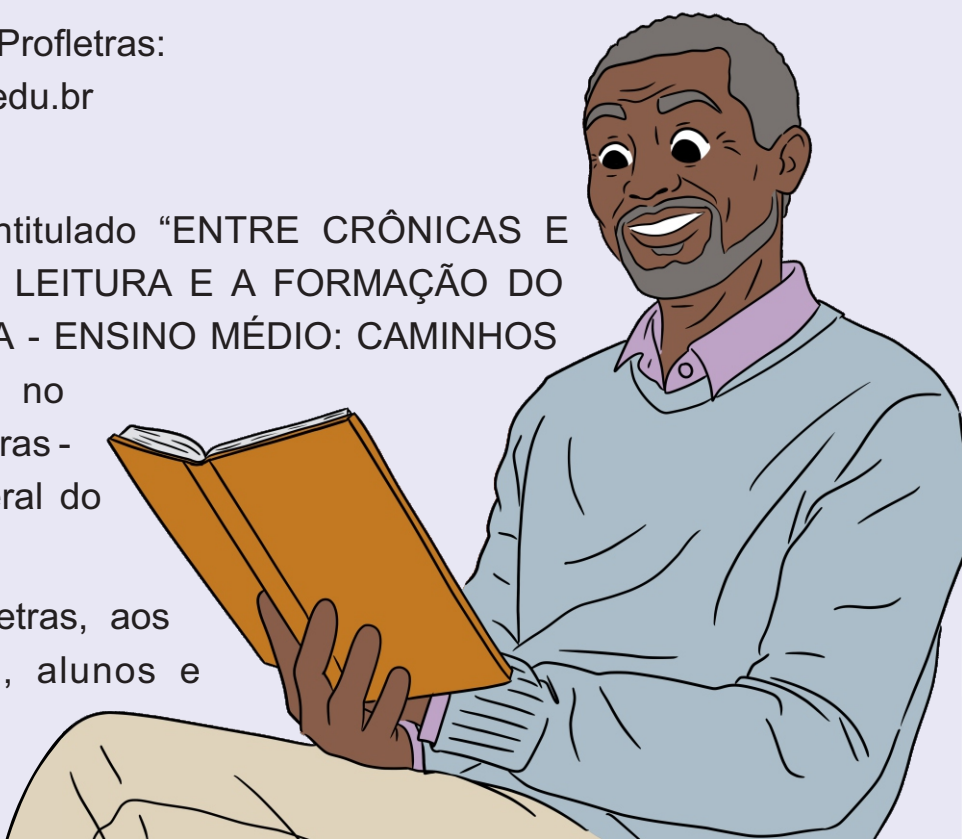
Produto disponível no site do Profletras:

<https://profletras.vitoria.ifes.edu.br>

Origem do Produto:

Trabalho de Dissertação intitulado “ENTRE CRÔNICAS E DEBATES: AS RODAS DE LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EJA - ENSINO MÉDIO: CAMINHOS POSSÍVEIS”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras - Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo.

Agradecimentos: Ao Profletras, aos Professores participantes, alunos e voluntários.



SOBRE AS AUTORAS

Jheniffer Lopes Leite



Mestranda do curso de Pós-Graduação em Letras (Profletras), do Instituto Federal do Espírito Santo. Especialista em Psicopedagogia Institucional. Professora de Educação Básica na Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU). Atua na modalidade da Educação de Jovens e Adultos na EEEFM Elza Lemos Andreatta. Integra o grupo de pesquisas Núcleo Bakhtin e Leitura - Ifes (Campus Vitória).

Letícia Queiroz de Carvalho



Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS. Pós-

doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2022), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH - UFES). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES-Campus Vitória).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....10

POR QUE LER CRÔNICA NA ESCOLA?.....11

QUERIDO(A) PROFESSOR(A).....13

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA A LEITURA DE CRÔNICAS

PREPARAÇÃO PARA O INÍCIO DOS ENCONTROS.....15

1º
ENCONTRO
"INFÂNCIA"
16

2º
ENCONTRO
"SEGURANÇA"
31

3º
ENCONTRO
"INJUSTIÇAS SOCIAIS"
42

4º
ENCONTRO
"VIDA"
50

5º
ENCONTRO
"RELAÇÕES DE TRABALHO"
66

REFERÊNCIAS.....75

APRESENTAÇÃO

Este caderno pedagógico é um recurso educacional, parte integrante da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes - Campus Vitória). É um desdobramento da pesquisa intitulada *Rodas de leitura e formação do leitor literário na EJA - Ensino Médio: caminhos possíveis na Educação Básica* desenvolvida na linha de pesquisa II – Estudos Literários.

Dessa maneira, o que se pretende com este caderno pedagógico é propor caminhos pedagógicos para a formação de leitores na EJA – Ensino Médio, por meio dos clubes de leitura, de modo a inspirar práticas de leitura que primem pelo diálogo, escuta e a socialização das experiências de leitura.

Para isso, o material está dividido em capítulos nos quais o professor terá acesso ao planejamento dos encontros com apontamentos de como trabalhar as leituras e, a partir delas, poder construir suas próprias práticas, adaptando-as ao seu contexto de trabalho. Os encontros foram organizados a partir de temáticas previamente selecionadas por meio de reflexões junto com os personagens do cotidiano escolar que apontaram, por exemplo, *infância, segurança social, aspectos importantes da vida e injustiças sociais*.

Com essa abordagem pretendemos apresentar a metodologia construída para o ensino de leitura de crônicas com vistas a provocar professores a também desenvolverem suas próprias metodologias e que essas possam estar alicerçadas em discussões sobre os princípios que apontam para práticas de leitura na escola com viés participativo e crítico.



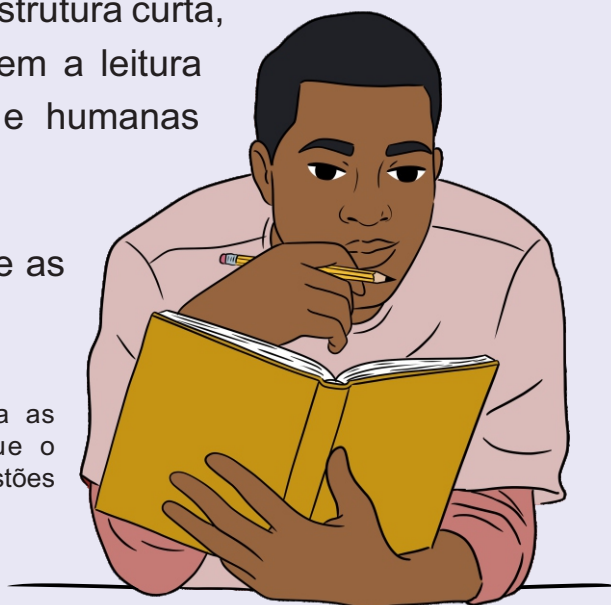
POR QUE LER CRÔNICAS NA ESCOLA?

Frequentemente, a literatura é vista como algo grandioso, reservada à certa parcela da população de maior prestígio, às grandes obras e como uma realidade distante da maior parte da sociedade. Para muitos estudantes, a leitura de literatura parece desconectada de seus contextos imediatos, pois não conseguem enxergar ou fazer analogias do texto lido com suas vidas. Talvez seja desse cenário que surja o desinteresse pela leitura de literatura na sala de aula. “[...] O desafio, então, é criar mecanismos que aproximem o aluno do texto literário e que haja o contato com os diversos meios de trabalho com a literatura, e que encontrem sentidos para o que se está lendo” (Carvalho *et al.*, 2025).

Nesse sentido, consideramos a crônica para fazer parte desse encontro entre estudantes e o texto literário, uma vez que é o gênero que nasce a partir de um acontecimento cotidiano. Dessa forma, demonstra que a matéria-prima da grande escrita não é o extraordinário, mas o olhar atento sobre o trivial. Ao trabalhar com uma linguagem acessível e uma estrutura curta, esse gênero convida os estudantes a praticarem a leitura crítica e a enxergarem as questões sociais e humanas escondidas na simplicidade do dia a dia.

Essa conexão clara e imediata entre a crônica e as vivências dos estudantes é fundamental, pois

[...] quando o texto literário extrapola as questões técnicas e específicas que o circundam e dialoga com a vida e as questões



sociais, a partir de contextos significativos de leitura imbricados com o real, temos, então, o verdadeiro sentido de ler e, constituímos, pois, nossa memória intertextual como leitores ativos. (Carvalho, 2014, p. 175).

E por este motivo

[...] muito provavelmente, a crônica, se não é o gênero literário mais apreciado, é o mais lido do Brasil. Ela tem, sobre os outros, a vantagem de comumente se apresentar em jornais e revistas, o que aumenta muitíssimo seu público potencial. Outro ponto que conta a favor da crônica, considerando-se o público leitor em geral, é que ela é uma composição curta

[...]. (Cunha, 2018, p.7)

Nesse sentido, como afirma Simon (2015), é fundamental o contato frequente dos estudantes, de qualquer nível de ensino, com textos como a crônica, para que percebam que a ideia de literatura não está isolada, mas intrinsecamente conectada ao mundo real. “[...] Essa proposta de estimular que leitores se identifiquem com os textos, ao ser reabilitada na leitura literária empreendida por jovens, pode promover a consolidação de hábitos de leitura e do gosto” (Simon, 2015, p. 187).

Por fim, a crônica não é somente um gênero literário. Ela pode ser considerada como uma estratégia poderosa para trazer o texto literário para mais próximo dos estudantes, porque “[...] por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia” (Candido, 1987, p. 5).

Portanto, incluir a crônica como uma das práticas educativas pode ser um caminho eficaz para formar leitores que não apenas consomem histórias, mas que se tornam escritores e críticos ativos de sua própria realidade e do mundo em que vivem.

QUERIDO(A) PROFESSOR(A)

Este caderno pedagógico é uma ferramenta pensada para você, que busca novas formas de engajar seus alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na prática da leitura e na apreciação do texto literário.

Acreditamos que a leitura não é apenas uma habilidade, mas sim um ato de encontro: um encontro com a história, com o autor, com o mundo e, principalmente, um encontro com nós mesmos. Além disso, buscamos, por meio da leitura, fortalecer a autonomia dos estudantes no que diz respeito ao ato de ler, criando vínculos com a literatura e valorizando a própria experiência de vida como chave para a compreensão do texto. Dessa forma, atendemos à proposta metodológica da abordagem educacional da EJA, onde o contexto dos estudantes é a base para seu aprendizado.

Nossa proposta central é utilizar as Rodas de Leitura como um espaço democrático e colaborativo. Aqui, não há interpretações certas ou erradas, mas sim o compartilhamento de diferentes olhares.

Para que isso aconteça, é necessário preparar o ambiente de forma acolhedora e enfatizar com os estudantes que em uma roda de leitura, a leitura em voz alta e a escuta são essenciais para o sucesso da atividade.

E, muito importante, lembrá-los da regra de ouro: o respeito às diferentes interpretações!



SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA A LEITURA DE CRÔNICAS



PREPARAÇÃO PARA O INÍCIO DOS ENCONTROS

Antes de iniciar com os encontros aqui sugeridos, é essencial que separe uma aula para contextualizar com os estudantes sobre a proposta da atividade.

Para isso, faça uma retomada, caso eles já tenham o conhecimento prévio, das características gerais do gênero crônica e da sua importância para a leitura em sala de aula (sugerimos a leitura da seção “Por que ler crônica na escola?” deste caderno).

Explique aos estudantes que os encontros são divididos por temáticas, sendo elas: infância, segurança, injustiças sociais, vida e relações de trabalho. Cada encontro é dividido em dois momentos (1 tempo de aula cada), no qual o primeiro é reservado à leitura da(s) crônica(s), e o segundo para a leitura de textos de outros gêneros textuais (como canções, poesias etc.) como temas que se relacionam com a temática do encontro em questão.

Como sabemos que a sala de aula é uma caixinha de surpresas, deixamos textos extras para serem usados, caso sobre tempo nos encontros.

Esperamos que esse material sirva de apoio a você, professor(a), para engajar ainda mais seus estudantes e criar estratégias para transformar o ato de ler em um poderoso exercício de reflexão, fazendo de cada momento de leitura um marco na formação do leitor na EJA.

1º ENCONTRO "INFÂNCIA"

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A temática sobre infância convida os estudantes a visitar o passado. Por meio das crônicas e do poema, eles terão a oportunidade de refletir e compartilhar com os demais aspectos de sua infância. As crônicas selecionadas para o primeiro momento são *História Estranha* e *ABC*, de Luis Fernando Verissimo e *Maneira de Olhar*, de Carlos Drummond de Andrade. Para o segundo momento, o poema *XLIV, O livro das Perguntas*, de Pablo Neruda e a canção "Poema" de Ney Matogrosso.

1º MOMENTO

FACILITANDO A INTERAÇÃO COM OS TEXTOS

1º Perguntas para contextualizar o tema:

Antes da leitura, é essencial fazer uma contextualização para que o estudante perceba a temática dos textos que irá ler.

Para isso, algumas perguntas podem ser feitas a eles:

- O que vem à mente quando você pensa em infância?
- Quais são as suas memórias de infância mais marcantes?
- Você tem saudades da sua infância?
- Quais eram suas brincadeiras favoritas?

2º Leitura compartilhada:

Mesmo que os estudantes tenham lido os textos com antecedência, é essencial usar esse momento para uma leitura compartilhada em voz alta. O professor pode incentivar começando a leitura do texto e pedindo para que outro continue.

1º CRÔNICA

História Estranha

Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade. Está com quarenta, quarenta e poucos. De repente dá com ele mesmo chutando uma bola perto de um banco onde está a sua babá fazendo tricô. Não tem a menor dúvida de que é ele mesmo. Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá.

Tem uma vaga lembrança daquela cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproxima-se dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo.

Como eu era inocente. Como meus olhos eram limpos. O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente. Depois sai caminhando, chorando, sem olhar para trás.

O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta. Também se reconheceu. E fica pensando, aborrecido: quando eu tiver quarenta, quarenta e poucos anos, como eu vou ser sentimental!

Vivendo e...

Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto.

Outra coisa: acabo de procurar no dicionário, pela primeira vez, o significado da palavra "gude".

Quando era garoto nunca pensei nisso, eu sabia o que era gude. Gude era gude.

Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira. Algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças. Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovoadas, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números.

Ainda no terreno dos sons: tinha uma folha que a gente dobrava e, se ela rachasse de um certo jeito, dava um razoável pistom em miniatura. Nunca mais encontrei a tal folha. E espremendo-se a mão entre o braço e o corpo, claro, tinha-se o chamado trombone axilar, que muito perturbava os mais velhos. Não consigo mais tirar o mesmo som. É verdade que não tenho tentado com muito empenho, ainda mais com o país na situação em que está.

Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado.

Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e desaprendendo.

Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando - mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, e depois sair correndo? Eu já.

VERISSIMO, Luis Fernando. *História estranha*. In: **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

2º CRÔNICA

ABC

Quando a gente aprende a ler, as letras, nos livros, são grandes. Nas cartilhas - pelo menos nas cartilhas do meu tempo - as letras eram enormes. Lá estava o A, como uma grande tenda. O B, com seu grande busto e sua barriga ainda maior. O C, sempre pronto a morder a letra seguinte com a sua grande boca.

O D, com seu ar próspero de grão-senhor. Etc. Até o Z, que sempre me parecia estar olhando para trás. Talvez porque não se convencesse que era a última letra do alfabeto e quisesse certificar-se de que atrás não vinha mais nenhuma.

As letras eram grandes, claro, para que decorássemos a sua forma. Mas não precisavam ser tão grandes. Que eu me lembre, minha visão na época era perfeita. Nunca mais foi tão boa. E no entanto os livros infantis eram impressos com letras graúdas e entrelinhas generosas. E as palavras eram curtas. Para não cansar a vista.

À medida que a gente ia crescendo, as letras iam diminuindo. E as palavras, aumentando. Quando não se tem mais uma visão de criança é que se começa, por exemplo, a ler jornal, com seus tipos miúdos e linhas apertadas que requerem uma visão de criança. Na época em que começamos a prestar atenção em coisas como notas de pé de página, bulas de remédio e subcláusulas de contrato, já não temos mais metade da visão perfeita que tínhamos na infância, e esbanjávamos nas bolas da Lulu e no corre-corre do Faísca.

Chegamos à idade de ler grossos volumes em corpo 6 quando só temos olhos para as letras gigantescas, coloridas e cercadas de muito branco, dos livros infantis. Quanto mais cansada a vista, mais exigem dela. Alguns recorrem à lente de aumento para seccionar as grandes palavras em manejáveis monossílabos infantis. E para restituir às letras a sua individualidade soberana, como tinham na infância.

O E, que sempre parecia querer distância das outras.

O R! Todas as letras tinham pé, mas o R era o único que chutava. O V, que aparecia em várias formas: refletido na água (o X), de muletas (o M), com o irmão siamês(o W).

O Q, que era um O com a língua de fora.

De tanto ler palavras, nunca mais reparamos nas letras. E de tanto ler frases, nunca mais notamos as palavras, com todo o seu mistério. Por exemplo: pode haver palavra mais estranha do que "esdrúxulo"? É uma palavra, sei lá.

Esdrúxula. Ainda bem que nunca aparecia nas leituras da infância, senão teria nos desanimado. Eu me recusaria a aprender uma língua, se soubesse que ela continha a palavra "esdrúxulo". Teria fechado a cartilha e ido jogar bola, para sempre. As cartilhas, com sua alegre simplicidade, serviam para dissimular os terrores que a língua nos reservava. Como "esdrúxulo". Para não falar em "autóctone". Ou, meu Deus, em "seborréia"!

Na verdade, acho que as crianças deviam aprender a ler nos livros do Hegel e em longos tratados de metafísica. Só elas têm a visão adequada à densidade do texto, o gosto pela abstração e tempo disponível para lidar com o infinito.

E na velhice, com a sabedoria acumulada numa vida de leituras, com as letras ficando progressivamente maiores à medida que nossos olhos se cansavam, estaríamos então prontos para enfrentar o conceito básico de que vovô vê a uva, e viva o vovô.

Vovô vê a uva! Toda a nossa inquietação, nossa perplexidade e nossa busca terminariam na resolução deste enigma primordial. Vovô. A uva. Eva. A visão.

Nosso último livro seria a cartilha. E a nossa última aventura intelectual, a contemplação enternecida da letra A. Ah, o A, com suas grandes pernas abertas.

VERISSIMO, Luis Fernando. *ABC*. In: **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Maneira de Olhar

Recomendaram-lhe que se deitasse cedo, para acordar à hora da passagem do ano. A julgar pela insistência da recomendação, o ano não passaria se os garotos ficassem de vigília. E como havia de ser, se não passasse? Era a vida do mundo inteiro que se perturbava. Tudo que estava para acontecer a partir de meia-noite, bruscamente ficaria retido nas malas, nos pacotes, na escuridão. Seria complicar tanto a sorte dos outros, e a sua própria, que o menino se decidiu a acatar aquela ordem ingrata. Ou a fingir acatamento. Iria deitar-se, que remédio? Fecharia os olhos, pois esse é o testemunho de sono que as mães procuram nos rostos dos filhos. Mas dormir, de verdade, isso não faria.

Imóvel, como nas ocasiões em que brincava de morto, continuaria atento ao que ocorresse noite afora, pelo mundo solto. Queria devassar de vez o mistério da passagem do ano, que ninguém sabe explicar. A má mentira lhe falando numa barra de luz que cortava o céu de lado a lado, verdadeiro arco-íris, tão intenso que ninguém podia botar-lhe os olhos em cima; coruscava, ouvia-se um coro de anjos, e tudo sumia de repente: o ano velho se fora, chegara o ano novo. Mas seu tio, que era piloto da Varig e no mês passado (foi há tanto tempo) voara na noite de 31 de dezembro, não confirmou a luz e os anjos: o ano novo desce de paraquedas bem no meio da praça General Osório; traz na mochila talco, escova de dentes e pombas. “Pra quê pombas”? “Pra soltar em sinal de alegria”. Quanto ao ano velho, vira balão e vai subindo, perdendo gás, perdendo gás, até acabar muito chocho. Como as pessoas são mentirosas. Gente nenhuma vira balão, se bem que balão pode virar gente, pelo menos uma vez sonhara que. Sua mãe, que lhe pede não mentir nunca, sua própria mãe não estaria mentindo? Por mais que lhe perguntasse como era a cara do ano velho e a cara do ano novo, e como era a passagem, não tivera resposta.

Quer dizer, respondera com um sorriso, desses sorrisos que a gente acha uma delícia, mas não esclarecem nada, são formas de esconder: “Você mesmo verá como é. Depende da sua maneira de olhar”. Conversa com outros garotos a respeito, não adianta. Cada um diz mais bobagem que o outro, aprendem a mentir com os homens.

Cerrou a porta, determinado. Preparou-se, deitou-se, esperou o beijo suave. Quis ainda puxar conversa, a mãe passou-lhe os dedos na face, repuxando-lhe a pele, num dengue. “Dorme, colaçõozinho de manteiga”. Ela apagou a luz e saiu, veludo andando. Será que aguento ficar acordado até meia-noite? Quanto tempo é meia-noite. Da cama não se vê nada. Tenho de ir para a janela. Claro que o ano passar no ar, fico espiando. Mas há tanta gente na rua, tanto carro buzinando, e ninguém olha para cima. Eles conversam demais, seria bom que todo mundo ficasse calado, pensando, sentindo o quê? Sentindo. Como vão perceber que o ano passou, se falam sobre outras coisas, riem, cantam, gritam? Depende tanto da maneira de olhar. Agora estão sambando. As estrelas bem que continuam calmas, calmas. Elas sabem de tudo, veem aquilo que cá de baixo, no meio de tanta confusão, uma criança só pode perceber se ficar de olhos arregalados, quietinha. Por maior que seja a boa vontade... E essa moleza que desce das estrelas e entra sorradeira nos braços, nas pernas; esse peso faz baixar as pálpebras, como quem desce cortina, devagar.

Acordou no chão, apavorado com o estrondo. Houve um desastre durante a passagem, o mundo acabou? Do salão vinham também gritos em que lhe parecia reconhecer vozes familiares. Seus pais estariam morrendo? Correu à porta, abriu-a, atravessou o corredor e deteve-se à entrada da sala: teve uma imagem conjugada de garrafas, risos, cantos, beijos e copos. Estavam todos salvos, pais e amigos, mas tinham perdido o jeito comum, o jeito diurno. As vozes eram as mesmas e não eram. Arrastavam um pouco, palavras não terminaram, e todas as pessoas manifestaram exagerada ternura umas por outras, abraçando-se copiosamente.

A mãe viu-o de longe: “Filhinho!”, avançou num jeito engraçado, envolveu-no numa carícia, o pai fez o mesmo, os outros bateram palmas. Seus olhos ainda não estavam abertos de todo, sentia vontade de chorar. “Ele passou?” - disse baixinho ao ouvido. Sim, tinha passado, ele não vira? Quis perguntar como é que passara, não teve ânimo. Um pouco tonta, mas docemente, a mãe levou-o de volta para o quarto, agasalhou-o, encostou rosto no rosto - o bafo casava-se ao perfume - rogou-lhe que dormisse outra vez, colaçozinho de manteiga. O ano passara sem que ele o visse. A mãe prevenira: “Depende da maneira de olhar”. Ele não acertara com a maneira.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Maneira de olhar*. In: **70 historinhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CONTEXTUALIZANDO O TEMA DA CONVERSA:

Neste momento, será feito um debate sobre a temática e como ela se apresenta na crônica. Para isso, esclareça as dúvidas sobre possíveis dificuldades encontradas com relação ao vocabulário da crônica.

ADPROFUNDANDO A CONVERSA:

- Como a infância é tratada nos textos?
- Para você, como as experiências vividas na infância podem influenciar a vida adulta? Você acha que algum aspecto da vida atual é herança de momentos vividos na infância?
- Que emoções ou reflexões os textos evocam?

2º MOMENTO

VAMOS LER UM POEMA?

O poema sugerido dialoga com a temática do encontro. Pedir para que um estudante leia calmamente, usando a entonação necessária à leitura.

'XLIV, O Livro das Perguntas' (Pablo Neruda)

“Onde está o menino que fui,
segue dentro de mim ou se foi?

– Sabe que não o quis nunca
e que tampouco me queria?

– Por que andamos tanto tempo
crescendo para separar-nos?

– Por que não morremos os dois
quando minha infância morreu?

– E se minha alma tombou
por que permanece o esqueleto?”

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas**. São Paulo:
Cosac & Naify, 2008.

APROFUNDANDO O TEMA DA CONVERSA

- Como o poema trata a infância e o processo de crescimento das pessoas?
- Quais foram suas emoções e sensações causadas pela leitura do poema?

VAMOS OUVIR UMA MÚSICA?

A canção “Poema” de Cazuzza e Frejat, interpretada por Ney Matogrosso dialoga com as crônicas e o poema, pois traz a temática sobre a infância e o passado. Vamos ouvi-la acompanhando a letra:

Eu hoje tive um pesadelo e
levantei atento
A tempo
Eu acordei com medo e procurei
no escuro alguém com seu
carinho
E lembrei de um tempo
Porque o passado me traz uma
lembrança
Do tempo que eu era criança
E o medo era motivo de choro
Desculpa pra um abraço ou um
consolo
Hoje eu acordei com medo, mas
não chorei nem reclamei abrigo
Do escuro, eu via um infinito, sem
presente, passado ou futuro
Senti um abraço forte, já não era
medo
Era uma coisa sua que ficou em
mim

De repente, a gente vê que
perdeu ou está perdendo
alguma coisa
Morna e ingênua, que vai
ficando no caminho
Que é escuro e frio, mas
também bonito, porque é
iluminado
Pela beleza do que aconteceu
há minutos atrás
Eu hoje tive um pesadelo e
levantei atento
A tempo
Eu acordei com medo e procurei
no escuro alguém com seu
carinho
E lembrei de um tempo
Porque o passado me traz uma
lembrança
Do tempo que eu era criança
E o medo era motivo de choro

Desculpa pra um abraço ou um consolo
Hoje eu acordei com medo, mas não chorei nem reclamei abrigo
Do escuro, eu via um infinito, sem presente, passado ou futuro
Senti um abraço forte, já não era medo
Era uma coisa sua que ficou em mim, que não tem fim
De repente, a gente vê que

perdeu ou está perdendo alguma coisa
Morna e ingênua, que vai ficando no caminho
Que é escuro e frio, mas também bonito, porque é iluminado
Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás

Disponível em:
<https://www.lettras.mus.br/ney-matogrosso/169321/>

QUESTÕES PARA REFLETIR

- Quando o personagem da música diz que procura “alguém com seu carinho”, de quem ele provavelmente está falando?
- Quem eram as pessoas que traziam conforto na sua infância? Como isso impactou você?
- Você acha importante ser o porto seguro de alguém?

FECHANDO A CONVERSA:

Pedir para que anotem no diário de leitura as impressões sobre o encontro. O que acharam dos textos e da conversa, quais lembranças foram revisitadas, se foi uma experiência boa ou ruim.

SOBRE OS AUTORES DO ENCONTRO

Luis Fernando Verissimo

Foi um escritor gaúcho conhecido por suas crônicas e contos de humor. Filho do escritor Érico Verissimo e de Mafalda Halfen Volpe, nasceu em 26 de setembro de 1936 em Porto Alegre. Em 1973 fez sua primeira publicação, “O Popular”, uma coletânea de textos bem humorados já publicados em jornais onde havia trabalhado. Verissimo escreveu para diversos jornais e revistas do país. Em 1981, na Feira do Livro de Porto Alegre, lançou o livro de crônicas “O Analista de Bagé”, que se esgotou em dois dias.



Verissimo nos deixou no dia 30 de agosto de 2025, aos 88 anos de idade, em Porto Alegre, sua cidade natal.

Fonte: <https://www.unisinos.br/biblioteca/verissimo>

Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 31 de outubro de 1902, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade. Foi um dos maiores nomes da poesia brasileira de todos os



tempos, mas também escreveu contos e crônicas, das quais algumas se fazem presente neste caderno. Sua obra é conhecida pela profundidade, diversidade de temas e estilo marcante, com poemas que se tornaram parte da memória coletiva brasileira, como os que incluem a famosa pergunta "E agora, José?".

Drummond nos deixou no dia 17 de agosto de 1987, vítima de problemas cardíacos. Muitos associam sua morte à inconsolável perda de sua filha, Maria Julieta, doze dias antes de sua partida, vítima de câncer.

Fonte: <https://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Cronologia>

Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto

Nascido na pequena cidade de Parral, em 12 de julho de 1904, no Chile, ficou conhecido pelo seu pseudônimo: Pablo Neruda. O poeta ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1971. Além disso, foi diplomata, representando seu país como cônsul na Espanha e no México, e abandonou a

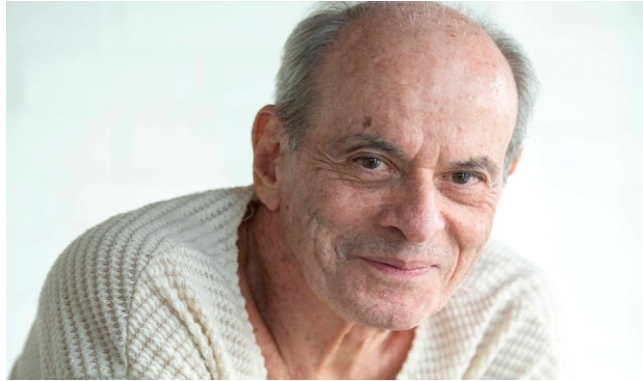


carreira para se tornar senador em 1945. Neruda morreu em Santiago, no dia 23 de setembro de 1973. Apoiador do presidente chileno Salvador Allende, o escritor faleceu poucos dias após o golpe militar comandado pelo general Augusto Pinochet, que colocaria o Chile em uma ditadura de 17 anos.

Fonte: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=palavra-chave-de-documentos/pablo-neruda>

Ney Matogrosso

Ney de Souza Pereira, conhecido nacionalmente como Ney Matogrosso, nasceu na cidade de Bela Vista, no atual estado do Mato Grosso do Sul, em 1º de agosto de 1941, iniciando sua trajetória na música nacional na década de



1970. É conhecido por suas canções e danças irreverentes, por sua aparência andrógina, sendo um dos artistas mais autênticos da nossa história recente. Lançou canções de sucesso como “Homem com H” e “Poema”.

O relacionamento ruim com seu pai, que era militar, fez Ney Matogrosso abandonar a casa de sua família muito cedo. Lançou dois álbuns com a banda Secos & Molhados, depois seguiu por uma carreira solo de grande sucesso.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/ney-matogrosso.htm>

2º ENCONTRO "SEGURANÇA"

PARA INÍCIO DE CONVERSA

O assunto "segurança" é recorrente entre os estudantes, visto que a comunidade da qual a escola faz parte, onde a maior parte dos estudantes mora, sofre com constantes atos de violência. O tema traz à tona essa discussão e, para iniciar, podemos lançar algumas questões norteadoras. Em seguida, propõe-se a leitura das crônicas "Segurança" de Luis Fernando Verissimo e a audição da música "Minha Alma (A Paz que Eu Não Quero)" da banda O Rappa.

1º MOMENTO

FACILITANDO A INTERAÇÃO COM OS TEXTOS

1º

Perguntas para contextualizar o tema:

Nesse momento, uma conversa sobre a temática das crônicas vai despertar a atenção do estudante para o ponto central do texto. Algumas perguntas que podem ajudar:

- Para você, o que é "viver em segurança"?
- Você se sente seguro no local onde vive?
- Você já presenciou, ou alguém próximo a você, algum episódio de violência?

2º **Leitura compartilhada:**

Mesmo que os estudantes tenham lido o texto com antecedência, é essencial usar esse momento para uma leitura compartilhada em voz alta. O professor pode incentivar começando a leitura do texto e pedindo para que outro continue.

1º **CRÔNICA**

Segurança

O ponto-de-venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as mais belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Os ladrões pulavam os muros.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse,

atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada

só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

Aguarda tem sido obrigada a agir com energia.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Segurança*. In: **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 97-99.

CONTEXTUALIZANDO O TEMA DA CONVERSA:

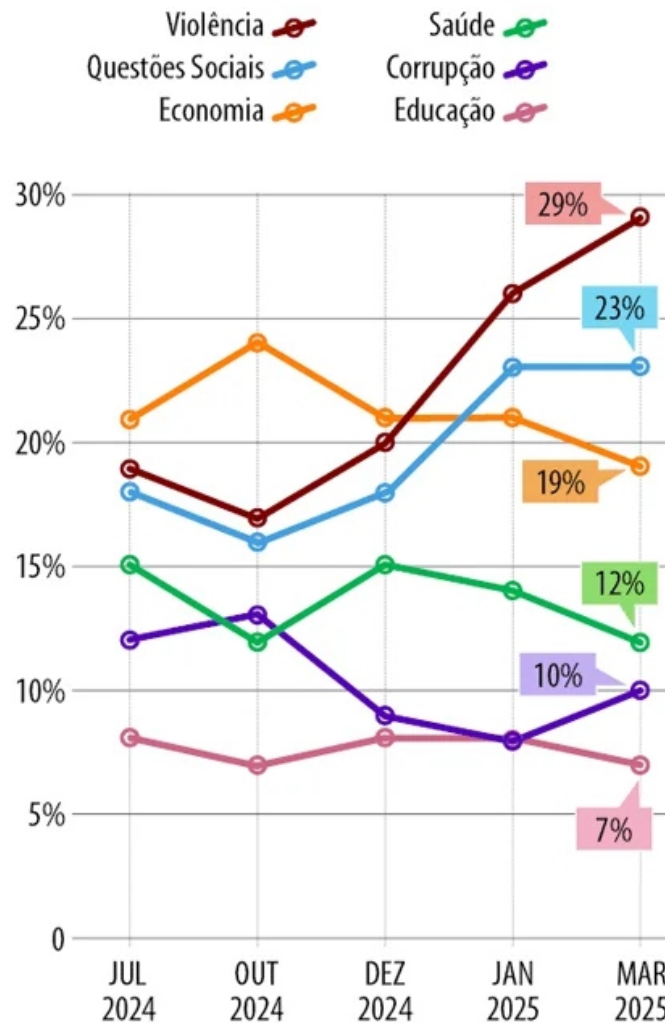
Nesse momento, será feito um debate sobre a temática e como ela se apresenta na crônica. Para isso esclarecer as dúvidas sobre possíveis dificuldades encontradas com relação ao vocabulário da crônica.

Alguns questionamentos que podem ser feitos:

- Qual é o principal paradoxo apresentado pela crônica?
- As medidas extremas de segurança adotadas no condomínio resolveram o problema dos assaltos? Qual foi o custo?
- A crônica reflete aspectos da sociedade atual em relação à segurança e ao medo? Como?

VAMOS ANALISAR UM GRÁFICO?

Maior preocupação do brasileiro



Fonte: Quaest

agência senado

Disponível em: <https://correibrigadiano.com.br/quaest-violencia-e-a-principal-preocupacao-do-brasileiro/>

CONTEXTUALIZANDO O TEMA DA CONVERSA:

- O que você entende a partir da interpretação do gráfico?
- A partir da sua resposta, como ela se relaciona com a crônica?

2º MOMENTO

Continuando com a temática sobre segurança, propomos a leitura do conto *O Homem da Favela* de Manoel Lobato e a música “A Paz que Eu Não Quero” da banda O Rappa.

VAMOS LER UM CONTO?

O conto a seguir é do autor Manoel Lobato e se intitula *O Homem da Favela*. Vamos lê-lo.

O homem da favela

Doutor Levi dá plantão no Hospital dos Operários, que fica perto de uma favela. Ele é meio conhecido na favela porque sobe o morro de vez em quando, em visita médica à Associação dos Deficientes Visuais. Mesmo assim, já foi assaltado nove vezes, sempre de manhã, quando está saindo do pátio em seu carro. Por causa disso, Dr. Levi anda prevenido. Não compra revólver, mas, ao deixar o plantão, já vem com a chave do carro na mão, passos rápidos, abre a porta, entra depressa, liga o motor, engrena a marcha, acelera e dispara. Não se preocupa com os malandros que tentam abordá-lo na estrada.

A neblina prejudica a visão do médico nessa manhã de inverno. Ele aperta o dispositivo de água, liga o limpador que faz o semicírculo com seu rastro no para-brisa. Vê no meio da estrada, ainda distante, um pedestre que finge embriaguez. O marginal está um tanto desnorreado, meio aéreo, andando sem rumo, em ziguezague. Parece trazer um porrete na mão.

Dr. Levi será obrigado a diminuir a aceleração e reduzir a marcha. Se o mau elemento continuar na pista, terá de frear. Se parar, poderá ser assaltado pela décima vez. O carro se aproxima do malandro. Ele usa

boné com o bico puxado para a frente, cobrindo-lhe a testa. Óculos escuros para disfarce, ensaia os cambaleios, tomba um pouco a cabeça, olha um pouco para cima, procura o Sol que está aparecendo, sem pressa, com má vontade.

O médico, habituado a salvar vidas, tem ímpetos de matar. Acelera mais, joga o farol alto na cara do pilantra, buzina repetidas vezes. O mau-caráter faz que procura o acostamento, mas permanece na pista.

O carro vai atropelar o velhaco. Talvez até passe por cima dele se continuar fingindo que está bêbado. Menos um pra atrapalhar a vida de gente séria.

O esperto pressente o perigo, deve ter adivinhado que o automóvel não vai desviar-se dele, ouve de novo a buzina, o barulho do motor cada vez mais acelerado. De fato, o carro não se desvia de seu intento. Obstinado, segue seu rumo. Vai tirar um fino.

O vivaldino é atingido de raspão, cambaleia agora de verdade, cai de lado. O cirurgião ouve o baque, sente o impacto do esbarro. Vê pelo retrovisor externo a vítima caída à beira da estrada. O vidro de trás está embaçado, mas permite distinguir o vulto, imagem refratada. Gotas de água escorrem pelo vidro, não como lágrimas e sim como bagas de suor pelo esforço da corrida. Não há piedade, há cansaço.

Dr. Levi nota que o retrovisor externo está torto, danificado. Diminui a marcha, abaixa o vidro lateral, tateia o retrovisor do lado de fora. O espelho está partido, sujo de sangue. O profissional se sente vingado, satisfeito, vitorioso, como se estivesse saindo do bloco cirúrgico, após delicada operação, na qual fica provada sua frieza, competência, habilidade. O dom de salvar o semelhante e também salvar-se.

No dia seguinte, ao cair da tarde, chega o plantonista ao Hospital dos Operários. Toma conhecimento do acidente. O paciente – algumas fraturas, escoriações – está fora de perigo. Deu entrada ontem de manhã,

mal havia chegado o substituto do Dr. Levi.

Na ficha, anotações sobre a vítima: funcionário da Associação. Seus pertences: recibos das mensalidades, uns trocados, óculos e bengala. Cego.

LOBATO, Manoel. *O homem da favela*. In: LEITE, Alcione Ribeiro (Org.). **O fino do Conto**. Belo Horizonte. Editora RHJ, 1989.

QUESTÕES PARA REFLETIR

- O conto se inicia dando a informação do local de trabalho do médico. O que isso influencia na interpretação da história?
- Como podemos relacionar o conto à insegurança de nossa sociedade?

QUESTÕES PARA REFLETIR

A música "Minha Alma (A Paz que Eu Não Quero)", da banda O Rappa, critica uma ideia de paz que mascara injustiças e desigualdades, expressando um desejo por transformação da passividade e do conformismo da sociedade. A música questiona as estruturas de segurança que aprisionam, a busca por prazeres superficiais e a apatia geral, convocando um despertar da consciência para a injustiça social, o racismo e a violência, que são abordados no videoclipe.

Letra

A minha alma tá armada e
apontada
Para cara do sossego!
(Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)
Pois paz sem voz, paz sem voz
Não é paz, é medo!
(Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
conservar
Pra tentar ser feliz?
Às vezes eu falo com a vida

Às vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
conservar
Pra tentar ser feliz?

A minha alma tá armada e
apontada
Para a cara do sossego!
(Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)
Pois paz sem voz, paz sem voz
Não é paz é medo
(Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
conservar
Pra tentar ser feliz?

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
conservar

Pra tentar ser feliz?

As grades do condomínio
São pra trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que tá nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar na
poltrona
No dia de domingo (domingo!)

Procurando novas drogas de
aluguel
Neste vídeo coagido
É pela paz que eu não quero
seguir admitido

(Repete)

Disponível em:
<https://www.lettras.mus.br/orappa/28945/>

CONTEXTUALIZANDO O TEMA DA CONVERSA:

Após ouvir a música e acompanhar a letra impressa, apresente alguns questionamentos:

- O que a música quer dizer com “a paz que eu não quero?”
- O que seria uma paz verdadeira para você?
- Você já presenciou uma situação em que um pedido de segurança e paz virou um conflito?

APROFUNDANDO A CONVERSA:

- Questionar sobre como a segurança (ou a falta dela) influencia nos nossos costumes e afazeres diários, em nossa rotina e em nossas vidas.

FECHANDO A CONVERSA:

Pedir para que anotem no diário de leitura as impressões sobre o encontro. O que acharam do texto, da música e da conversa, quais pontos discutidos foram novidade, que ainda não haviam parado para refletir sobre, etc.

SOBRE OS AUTORES DO ENCONTRO

Luis Fernando Verissimo

Foi um escritor gaúcho conhecido por suas crônicas e contos de humor. Filho do escritor Érico Verissimo e de Mafalda Halfen Volpe, nasceu em 26 de setembro de 1936 em Porto Alegre. Em 1973 fez sua primeira publicação, “O Popular”, uma coletânea de textos bem humorados já publicados em jornais onde havia trabalhado. Verissimo escreveu para diversos jornais e revistas do país. Em 1981, na Feira do Livro de Porto Alegre, lançou o livro de crônicas “O Analista de Bagé”, que se esgotou em dois dias.

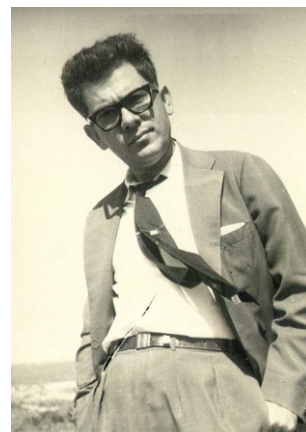


Verissimo nos deixou no dia 30 de agosto de 2025, aos 88 anos de idade, em Porto Alegre, sua cidade natal.

Fonte: <https://www.unisinos.br/biblioteca/verissimo>

Manoel Lobato

Manoel Lobato nasceu em Assaraí/MG, a 11 de dezembro de 1925, filho de Pedro e Delminda C. Lobato. Farmacêutico, jornalista e poeta, foi autor de milhares de crônicas publicadas diariamente em O TEMPO entre 1996 e 2013. Além das milhares de crônicas, Lobato publicou 18 livros e também participou da criação da Imprensa Oficial em Minas Gerais.



Parou de escrever ao apresentar quadros de esquecimento, em meados de 2013, quando foi diagnosticado com Alzheimer. Porém, após quase cinco anos de tratamento, outro médico mudou o diagnóstico para entupimento da carótida, que deixava a pessoa mais lenta pela baixa oxigenação no cérebro. Manoel Lobato faleceu no ano de 2020, aos 94 anos, vítima da Covid-19.

Fonte: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/aos-94-anos-morre-ex-cronista-do-jornal-o-tempo-manoel-lobato-1.2364139>

O Rappa

Em 2001, a banda carioca **O Rappa** lançava seu primeiro álbum ao vivo, **Instinto Coletivo**. O Rappa é uma banda difícil de rotular, eles fazem um reggae-rock com elementos do rap, do samba, do funk e da MPB. Como eles mesmos dizem na música “Homem Amarelo”, “só misturando pra ver no que vai dar”. E essa mistura teve início em 1993 quando Marcelo Yuka, Marcelo Lobato, Xandão e Nelson Meirelles formaram uma banda



para acompanhar o cantor caribenho Papa Winnie. Daí eles passaram a fazer um som próprio, que foi o embrião do que se tornaria O Rappa. No ano seguinte, 1994, Marcelo Falcão assumiu os vocais. Aliás, o Falcão entrou na banda depois de responder a um anúncio publicado pelos outros quatro no jornal O Globo.

Fonte: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/capitulo-rock/2021/06/04/o-rappa-2013-20-anos-de-instinto-coletivo>

3º ENCONTRO "INJUSTIÇAS SOCIAIS"

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A temática sobre injustiças sociais se faz importante para ser abordada em um roda de leitura, visto que elas estão presentes na sociedade em suas diversas formas, como na dificuldade de acesso ao transporte público, nas formas de acesso à alimentação saudável, saúde, lazer e qualidade de vida. Para abordar esse tema faremos a leitura das crônicas "A dieta do homem" de Paulo Mendes Campos e "Catadores de tralhas e sonhos" de Milton Hatoum, e a música "Cidadão" de Lúcio Barbosa, feita na década de 70 e gravada, primeiramente, pelo cantor mineiro Zé Geraldo.

1º MOMENTO

FACILITANDO A INTERAÇÃO COM OS TEXTOS

1º Perguntas para contextualizar o tema:

Para dar início à discussão, algumas perguntas podem ser lançadas aos estudantes:

- O que vem à sua mente quando pensa em desigualdades sociais?
- Quais dessas respostas que vocês acabaram de dar podem ser observadas no seu dia a dia?

2º Leitura compartilhada:

Momento reservado para a leitura das crônicas. Entregue os textos impressos aos estudantes e peça para que cada um leia um trecho.

1ª CRÔNICA

Dieta do Homem

Nas carteiras da escola me ensinaram, segundo o sábio Claude Bernard, que o caráter absoluto da vitalidade é a nutrição; pois, onde ela existe, há vida; onde se interrompe, há morte.

Mas não me disseram que, entre os animais humanos, o lado que pende para a morte, por falta de nutrição, é mais numeroso que o lado erguido para a vida.

Me ensinaram que os alimentos fornecem ao homem os elementos constituintes da própria substância humana; o homem é o alimento que ele come.

Mas não me disseram que existem homens aos quais faltam os elementos que constituem o homem. Homens incompletos, homens mutilados em sua substância, homens deduzidos de certas propriedades humanas fundamentais; homens vivendo o processo de morte.

Me ensinaram, no delicado modo condicional, que, sem o concurso de certos alimentos minerais e orgânicos, depressa a vida sobre a terra se extinguiria.

Mas não me disseram que, depressa, por toda parte, a vida se extingue, no duro modo indicativo.

Me ensinaram que o oxigênio é o primeiro elemento indispensável.

Mas não me disseram que só o oxigênio é um bem comum de toda humanidade, salvo em minas e galerias, onde é escasso.

Me ensinaram que o carbono, o oxigênio, o azoto, o fósforo e outros minerais são decisivos à vitalidade da célula.

Mas não me disseram que aqueles elementos não se encontram no ar que respiramos. E ainda que se encontrarem na terra, acaso digerida por uma criança, seu poder de assimilação é nenhum.

Me ensinaram que há alimentos orgânicos ternários e quaternários. Mas não me disseram que dois terços de nossos irmãos morrem de fome.

Me ensinaram que os alimentos ternários, constituídos pelas gorduras e pelos hidratos de carbono são importantíssimos. Mas não me disseram que em cem, dez homens estão, a qualquer hora, às portas da inanição.

Me ensinaram que o ovo, o leite e a carne são alimentos extraordinários. Mas não me disseram que em certas regiões do mundo, há homens que consomem ovos, leite e carne em quantidades muito acima das exigências da máquina humana.

Me ensinaram que a sensação de fome é acompanhada de contrações gástricas, uma espécie de câibra no estômago. Mas me disseram isso de maneira impessoal, como se fosse apenas a dedução teórica de um acidente possível.

Me ensinaram que as vitaminas são substâncias influentes no crescimento e na saúde, quando elas faltam, comparecem o escorbuto, o beribéri e outras doenças.

Mas não me disseram nem onde, nem quantos padecem de avitaminoses.

Nas carteiras das escolas me ensinaram muitas coisas. Mas não me disseram coisas essenciais à condição de homem.

O homem não fazia parte do programa.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Dieta do homem*. In: **O anjo bêbado**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969. p. 102-104.

CONTEXTUALIZANDO O TEMA DA CONVERSA

Neste momento, será feito um debate sobre a temática e como ela se apresenta na crônica. Para isso, esclareça as dúvidas sobre possíveis dificuldades encontradas com relação ao vocabulário da crônica.

QUESTÕES PARA REFLETIR

- Qual é a principal crítica da crônica?
- Como o texto ilustra a diferença entre o conhecimento teórico sobre nutrição e a realidade da fome no mundo?
- Como a não discussão de aspectos da realidade pode impactar nossa compreensão do mundo e do ser humano?

2º CRÔNICA

Catadores de Tralhas e Sonhos

São centenas, talvez milhares os catadores de papel nessa megalópole. Puxam ou empurram carroças e catam objetos no lixo ou nas calçadas. É um museu de tralhas variadas: restos de materiais para construção, papel, caixas de papelão, embalagens de inúmeros produtos, e até mesmo objetos decorativos, alguns belos e antigos, desprezados por algum herdeiro.

Há carroças exóticas, pintadas com desenhos de figuras pop, seres mitológicos, nuvens, pássaros e vampiros. Em Santana, vi uma carroça que lembrava um jinriquixá, só que maior do que o veículo asiático.

Era puxada por um velho e transportava uma avó e seu netinho, sentados em pilhas de papel. Perguntei ao carroceiro quanto ele cobrava pelo transporte de passageiros.

"Depende... Pra perto daqui, cinco reais. Pra fora do bairro, cobro 15 ou 12, depende do passageiro e do dia. Não gasto gasolina, nem nada, é só força mesmo, amigo."

E haja força, leitor. Mas esse meio de transporte é raro na metrópole. Quase todas as carroças só carregam quinquilharias, uma e outra exibem aforismos, poemas, ditados. Vi carroças líricas, políticas, filosóficas, cômicas, moralistas, anarquistas. Numa delas se lia:

"A verdade é uma desordem... Alguém tem dúvida?"

Noutra, pintada de verde e amarelo: "Aqui só carrego bagunça, mas sou homem de paz". A que mais me chamou atenção foi uma carroça linda, com uma pintura geométrica que lembra um quadro de Mondrian. Na lateral, estava escrito:

"Carrego todo tipo de tralha, e carrego um sonho dentro de mim".

Era uma carroça mineira, pois ostentava uma bandeira de Minas. Conversei um pouco com esse carroceiro de São João del-Rei. Acho que perdeu a desconfiança nas ruas paulistanas, pois não se esquivou de mim, e ainda me mostrou uma luminária de aço, fabricada em Manchester (1946). Esse objeto havia sido abandonado numa caixa de papelão e recolhido pelo caprichoso carroceiro de Minas.

Especulei a origem da luminária e me indaguei: quantas páginas esse belo objeto tinha iluminado em noites do pós-guerra?

Depois o carroceiro abriu uma caixa e me mostrou livros velhos, em língua alemã. Disse que tinha encontrado tudo numa mesma calçada do Jardim Europa, e agora ia vender os livros para um sebo. Ele me olhou e acrescentou:

"Ando solto, não gosto de ser botado preso dentro de curral. A gente encontra cada coisa por aí... Só não encontra o que a gente sonha".

Comprei a luminária desse filósofo ambulante, mas não me interessei pelos livros, que talvez sejam relidos por algum germanófilo de São Paulo.

Sei que não é fácil encontrar um sonho nas ruas; mas encontrei carroceiros simpáticos e um assunto para escrever esta crônica.

HATOUM, Milton. *Catadores de tralhas e sonhos*. **Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo, em 27 de março de 2015. Caderno 2. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral.catadores-de-tralhas-e-sonhos-imp-1658853>. Acesso em 30 set. 2025.

CONTEXTUALIZANDO O TEMA DA CONVERSA

- O que a frase “Aqui só carrego bagunça, mas sou homem de paz” sugere?
- Como o trabalho informal dos catadores se relaciona com questões de injustiça social?

APROFUNDANDO O TEMA DA CONVERSA

- Como os dois textos se relacionam e o que podemos observar de comum entre eles?
- De que forma cada crônica denuncia a injustiça social?

FECHANDO A CONVERSA:

Anote em seu diário de leitura as impressões sobre o encontro. O que acharam dos textos, da música e da conversa, quais pontos discutidos foram novidade, que ainda não haviam parado para refletir sobre.

SOBRE OS AUTORES DO ENCONTRO

Paulo Mendes Campos

Poeta, tradutor e cronista refinado, Paulo Mendes Campos nasceu em 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte (MG), filho do médico e escritor Mário Mendes Campos e de Maria José Lima Campos. Criado com nove irmãos em ambiente familiar de políglotas e anglófonos, foi a mãe quem lhe despertou o gosto pela poesia. Em 1937, conheceu o



adolescente de mesma idade Otto Lara Resende, em São João del-Rey, que seria seu amigo de toda a vida. No ano seguinte, em Belo Horizonte, onde passou a morar, os dois rapazes juntaram-se a Fernando Sabino e Hélio Pellegrino: formava-se o lendário quarteto que Otto batizaria de “os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”

Cursou Odontologia, Veterinária e Direito, sem concluir nenhum deles, mas foi só entre os anos de 1939 e 1945, quando exerceu o jornalismo, primeiramente em O Diário, de Belo Horizonte, e depois em outros periódicos da mesma cidade, como redator, que enfrentaria sua vocação “mais séria e mais alta”, igualmente na prosa e na poesia, como observaria Otto Lara Resende.

Paulo Mendes Campos morreu em 1º de julho de 1991, no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-paulo-mendes-campos/>

Milton Hatoum

Nasceu em Manaus, em de agosto de 1952. É arquiteto de formação, mas a literatura sempre esteve no centro de sua vida. Hatoum deu aulas de literatura na Universidade Federal do Amazonas e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Autor do livro de contos *A cidade ilhada* (2009), o escritor ganhou notoriedade com os romances *Relato de um certo oriente*



(1989), *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do norte* (2005) e *Órfãos do eldorado* (2008), todos publicados pela Companhia das Letras. Os três primeiros foram premiados com o Jabuti. *Cinzas do norte* ganhou os prêmios Portugal Telecom, APCA e *Bravo!*. Sua obra já foi traduzida para diversos idiomas e está publicada nos Estados Unidos e na Europa.

Com a publicação do romance *Dois irmãos*, Hatoum se tornou um dos escritores mais importantes da literatura contemporânea. O livro arrebatou a crítica e caiu nas graças dos leitores, feito raro na literatura nacional. O romance também tem sido lido por leitores mais jovens, incentivados por professores, que frequentemente adotam o romance de Hatoum para trabalhar em sala de aula.

4º ENCONTRO "VIDA"

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A temática desse encontro busca explorar a complexidade que é a vida e refletir sobre questões que abordem o amor, o casamento, a morte, a passagem do tempo e as pequenas alegrias do cotidiano. Para isso, sugerimos as crônicas *A Aliança* e *O Nariz* de Luis Fernando Verissimo.

1º MOMENTO

FACILITANDO A INTERAÇÃO COM OS TEXTOS

1º

Perguntas para contextualizar o tema:

Para despertar o interesse dos estudantes pela temática proposta, o encontro pode ser iniciado com as seguintes perguntas reflexivas:

- Você acha que viver é complexo?
- Quais são os pequenos momentos do dia a dia que para você são muito importantes?
- O que você acha dos relacionamentos na sociedade atual?

2º **Leitura compartilhada:**

Este momento é reservado para a leitura das crônicas. Peça para que os estudantes leiam um trecho da crônica cada, ou se preferirem, apenas um pode fazer a leitura em voz alta.

1º **CRÔNICA**

A aliança

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jângal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar. Limpou as mãos o melhor que

pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

— Você não sabe o que me aconteceu!

— O quê?

— Uma coisa incrível.

— O quê?

— Contando ninguém acredita.

— Conta!

— Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?

— Não.

— Olhe.

E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.

— O que aconteceu?

E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.

— Que coisa – diria a mulher, calmamente.

— Não é difícil de acreditar?

— Não. É perfeitamente possível.

— Pois é. Eu...

— SEU CRETINO!

— Meu bem...

— Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.

— Mas, meu bem...

— Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha!

E ela saíria de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações. Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa cara? Nada, nada. E, finalmente:

— Que fim levou a sua aliança? E ele disse:

— Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.

Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.

— O mais importante é que você não mentiu pra mim.

E foi tratar do jantar

VERISSIMO, Luis Fernando. *A aliança*. In: **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <https://ima-rs.com.br/wp-content/uploads/2018/11/1o.-ano-As-mentiras-Que-Os-Homens-Conta-Luis-Fernando-Verissimo.pdf>. Acesso em: 01 out. 2025.

QUESTÕES PARA REFLETIR

- A partir da leitura da crônica, o que podemos ressaltar a respeito da dicotomia verdade x mentira?
- O que você achou da atitude do personagem?
- Você acha que se o marido contasse a verdade a esposa acreditaria? Por quê?
- Você acha as relações matrimoniais complexas?

2º CRÔNICA

O nariz

Era um dentista respeitadíssimo. Com seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes, mas de uma sólida reputação como profissional e cidadão. Um dia, apareceu em casa com um nariz postiço. Passado o susto, a mulher e a filha sorriram com fingida tolerância. Era um daqueles narizes de borracha com óculos de aros pretos, sobancelhas e bigodes que fazem a pessoa ficar parecida com o Groucho Marx. Mas o nosso dentista não estava imitando o Groucho Marx. Sentou-se à mesa de almoço – sempre almoçava em casa – com a retidão costumeira, quieto e algo distraído. Mas com um nariz postiço.

- O que é isso? – perguntou a mulher depois da salada, sorrindo menos.
- Isto o quê?
- Esse nariz.
- Ah, vi numa vitrina, entrei e comprei.
- Logo você, papai...

Depois do almoço ele foi recostar-se no sofá da sala como fazia todos os dias. A mulher impacientou-se.

– Tire esse negócio.

– Por quê?

– Brincadeira tem hora.

– Mas isto não é brincadeira.

Sesteou com o nariz de borracha para o alto. Depois de meia hora, levantou-se e dirigiu-se para a porta. A mulher o interpelou:

– Aonde é que você vai?

– Como, aonde é que eu vou? Vou voltar para o consultório.

– Mas com esse nariz?

– Eu não compreendo você – disse ele, olhando-a com censura através dos aros sem lentes. – Se fosse uma gravata nova, você não diria nada. Só porque é um nariz...

– Pense nos vizinhos. Pense nos clientes.

Os clientes, realmente, não compreenderam o nariz de borracha. Deram risadas (“Logo o senhor, doutor...”), fizeram perguntas, mas terminaram a consulta intrigados e saíram do consultório com dúvidas.

– Ele enlouqueceu?

– Não sei – respondia a recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos.

– Nunca vi “ele” assim.

Naquela noite, ele tomou seu chuveiro, como fazia sempre antes de dormir. Depois, vestiu o pijama e o nariz postiço e foi se deitar.

– Você vai usar esse nariz na cama? – perguntou a mulher.

Vou. Aliás, não vou mais tirar este nariz.

– Mas, por quê?

– Porque não!

Dormiu logo. A mulher passou metade da noite olhando para o nariz de

borracha. De madrugada começou a chorar baixinho. Ele enlouquecera. Era isto. Tudo estava acabado. Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.

– Papai...

– Sim, minha filha.

– Podemos conversar?

– Claro que podemos.

– É sobre esse seu nariz...

– O meu nariz, outra vez? Mas vocês só pensam nisso?

– Papai, como é que nós não vamos pensar? De uma hora para outra, um homem como você resolve andar de nariz postiço e não quer que ninguém note?

– O nariz é meu e vou continuar a usar.

– Mas por que, papai? Você não se dá conta de que se transformou no palhaço do prédio? Eu não posso mais encarar os vizinhos, de vergonha. A mamãe não tem mais vida social.

– Não tem porque não quer...

– Como é que ela vai à rua com um homem de nariz postiço?

– Mas não sou “um homem”. Sou eu. O marido dela. O seu pai. Continuo o mesmo homem. Um nariz de borracha não faz nenhuma diferença. Se não faz nenhuma diferença, por que não usar?

– Mas, mas...

– Minha filha.

– Chega! Não quero mais conversar. Você não é mais meu pai!

A mulher e a filha saíram de casa. Ele perdeu todos os clientes. A recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos, pediu demissão. Não sabia o que esperar de um homem que usava nariz postiço. Evitava

aproximar-se dele. Mandou o pedido de demissão pelo correio. Os amigos mais chegados, numa última tentativa de salvar sua reputação, o convenceram a consultar um psiquiatra.

– Você vai concordar – disse o psiquiatra depois de concluir que não havia nada de errado com ele – que seu comportamento é um pouco estranho...

– Estranho é o comportamento dos outros! – disse ele. – Eu continuo o mesmo. Noventa e dois por cento do meu corpo continua o que era antes. Não mudei a maneira de vestir, nem de pensar, nem de me comportar. Continuo sendo um ótimo dentista, um bom marido, bom pai, contribuinte, sócio do fluminense, tudo como antes. Mas as pessoas repudiam todo o resto por causa deste nariz. Um simples nariz de borracha. Quer dizer que eu não sou eu, eu sou o meu nariz?

– É... – disse o psiquiatra. – Talvez você tenha razão...

O que é que você acha, leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se entregou. Continua a usar o nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz. Agora é uma questão de princípios.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O nariz*. In: **O nariz e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1994. p.73-74. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/o-nariz-cronica-de-luis-fernando-verissimo/>. Acesso em: 01 out. 2025.

QUESTÕES PARA REFLETIR

- O que você achou do comportamento do dentista?
- Se acontecesse com alguma pessoa próxima a você, qual seria a sua reação?
- Você acha que somos mais julgados por quem nós somos ou pelo o que usamos e aparentamos?
- Atualmente você está sendo você mesmo ou alguém para agrada aos outros?

2º MOMENTO

Vamos ler uma crônica de Paulo Mendes Campos chamada *Para Maria da Graça* e, em seguida, um poema de Cecília Meireles chamado “O tempo seca o amor”.

Para Maria da Graça

Agora que chegaste à idade avançada de 15 anos, Maria da Graça, eu te dou este livro: -*Alice no país das Maravilhas*. Este livro é doido, Maria. Isto é: o sentido dele está em ti. Escuta: se não descobrires um sentido na loucura acabarás louca. Aprende, pois, logo de saída para a grande vida, a ler este livro como um simples manual do sentido evidente de todas as coisas, inclusive as loucas. Aprende isso a teu modo, pois te dou apenas umas poucas chaves entre milhares que abrem as portas da realidade.

A realidade, Maria, é louca. Nem o Papa, ninguém no mundo, pode responder sem pestanejar à pergunta que Alice faz à gatinha: “Fala a verdade, Dinah, já comeste um morcego?”.

Não te espantes quando o mundo amanhecer irreconhecível. Para melhor ou pior, isso acontece muitas vezes por ano. “Quem sou eu no mundo?” Essa indagação perplexa é o lugar comum de cada história de gente. Quantas vezes mais decifrares essa charada, tão entranhada em ti mesma como os teus ossos, mais forte ficarás. Não importa qual seja a resposta; o importante é dar ou inventar uma resposta. Ainda que seja mentira.

A sozinha (esquece essa palavra que inventei agora sem querer) é inevitável. Foi o que Alice falou no fundo do poço: “Estou tão cansada de estar aqui sozinha!” O importante é que ela conseguiu sair de lá, abrindo a porta. A porta do poço! Só as criaturas humanas (nem mesmo os grandes macacos e os cães amestrados) conseguem abrir uma porta bem fechada, e vice-versa, isto é, fechar uma porta bem aberta.

Somos todos bobos, Maria. Praticamos uma ação trivial, e temos a presunção petulante de esperar dela grandes consequências. Quando Alice comeu o bolo, e não cresceu de tamanho, ficou no maior dos espantos. Apesar de ser isso o que acontece, geralmente, às pessoas que comem bolo.

Maria, há uma sabedoria social ou de bolso; nem toda sabedoria tem de ser profunda.

A gente vive errando em relação ao próximo e o jeito é pedir desculpas sete vezes por dia: “*Oh, I beg your pardon!*”. Pois viver é falar de corda em casa de enforcado. Por isso te digo, para a tua sabedoria de bolso: se gostas de gato, experimenta o ponto de vista do rato. Foi o que o rato perguntou à Alice: “Gostarias de gatos se fosses eu?”.

Os homens vivem apostando corrida, Maria. Nos escritórios, nos negócios, na política nacional e internacional, nos clubes, nos bares, nas artes, na literatura, até amigos, até irmãos, até marido e mulher, até

namorados, todos vivem apostando corrida. São competições tão confusas, tão cheias de truques, tão desnecessárias, tão fingindo que não é, tão ridículas muitas vezes, por caminhos tão escondidos que, quando os atletas chegam exaustos a um ponto, costumam perguntar: “A corrida terminou! Mas quem ganhou?” É bobice, Maria da Graça, disputar uma corrida se a gente não irá saber quem venceu. Se tiveres de ir a algum lugar, não te preocupe a vaidade fatigante de ser a primeira a chegar. Se chegares sempre aonde quiseres, ganhastes.

Disse o ratinho: “Minha história é longa e triste!” Ouvirás isso milhares de vezes. Como ouvirás a terrível variante: “Minha vida daria um romance”. Ora, como todas as vidas vividas até o fim são longas e tristes, e como todas as vidas dariam romances, pois o romance é só o jeito de contar uma vida, fogue, polida mas energicamente, dos homens e das mulheres que suspiram e dizem: “Minha vida daria um romance!” Sobretudo dos homens. Uns chatos irremediáveis, Maria.

Os milagres sempre acontecem na vida de cada um e na vida de todos. Mas, ao contrário do que se pensa, os melhores e mais fundos milagres não acontecem de repente, mais devagar, muito devagar. Quero dizer seguinte: a palavra depressão cairá de moda mais cedo ou mais tarde. Como talvez seja mais tarde, prepara-te para a visita do monstro, e não te desesperes ao triste pensamento de Alice: “Devo estar diminuindo de novo”. Em algum lugar há cogumelos que nos fazem crescer novamente.

E escuta esta parábola perfeita: Alice tinha diminuído tanto de tamanho que tomou um camundongo por um hipopótamo. Isso acontece muito, Mariazinha. Mas não sejam os ingênuos, pois o contrário também

acontece. E é um outro escritor inglês que nos fala mais ou menos assim: o camundongo que expulsamos ontem passou a ser hoje um terrível rinoceronte: É isso mesmo. A alma da gente é uma máquina complicada que produz durante a vida uma quantidade imensa de camundongos que parecem hipopótamos e de rinocerontes que parecem camundongos. O jeito é rir no caso da primeira confusão e ficar bem disposto para enfrentar o rinoceronte que entrou em nossos domínios disfarçado de camundongo. E como tomar o pequeno por grande e o grande por pequeno é sempre meio cômico, nunca devemos perder o bom humor. Toda pessoa deve ter três caixas para guardar humor: uma caixa grande para humor mais ou menos barato que a gente gasta na rua com os outros; uma caixa média para humor que a gente precisa ter quando está sozinho, para perdoares a ti mesma, para rires de ti mesma; por fim, uma caixinha preciosa, muito escondida, para as grandes ocasiões. Chamo de grandes ocasiões os momentos perigosos em que estamos cheios de dor ou de vaidade, em que sofremos a tentação de achar que fracassamos ou triunfamos, em que nos sentimos umas drogas ou muito bacanas. Cuidado, Maria, com as grandes ocasiões.

Por fim, mais uma palavra de bolso: às vezes uma pessoa se abandona de tal forma ao sofrimento, com uma tal complacência, que tem medo de não poder sair de lá. A dor também tem o seu feitiço, e este se vira contra o enfeitado. Por isso Alice, depois de ter chorado um lago, pensava: “Agora serei castigada, afogando-me em minhas próprias lágrimas”. Conclusão: a própria dor deve ter a sua medida: É feio, é imodesto, é vão, é perigoso ultrapassar a fronteira de nossa dor, Maria da Graça.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Para Maria da Graça*. In: **O amor acaba**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/para-maria-da-graca-cronica-de-paulo-mendes-campos/>. Acesso em 01 out. 2025.

QUESTÕES PARA REFLETIR

- Dos ensinamentos deixados para Maria, qual foi o que mais te tocou?
- Para você, qual o maior desafio enfrentado quando entramos na vida adulta?
- O que você pensa sobre as “corridas” mencionadas no texto, trazendo para nossa realidade?

Canção do amor-perfeito

O tempo seca a beleza,
seca o amor, seca as palavras.

Deixa tudo solto, leve,
desunido para sempre
como as areias nas águas.

O tempo seca a saudade,
seca as lembranças e as lágrimas.

Deixa algum retrato, apenas,
vagando seco e vazio
como estas conchas das praias.

O tempo seca o desejo
e suas velhas batalhas.
Seca o frágil arabesco,

vestígio do musgo humano,
na densa turfa mortuária.

Esperarei pelo tempo
com suas conquistas áridas.

Esperarei que te seque,
não na terra, Amor-Perfeito,
num tempo depois das almas.

MEIRELES, Cecília. *Canção do amor-perfeito*. In: **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Disponível em:

<https://contobrasileiro.com.br/o-tempo-seca-o-amor-poema-de-cecilia-meireles/>. Acesso em: 01 out. 2025.

QUESTÕES PARA REFLETIR

O poema de Cecília Meireles explora a efemeridade da vida e a passagem do tempo de forma implacável.

- Como o poema apresenta o efeito do tempo sobre emoções e memórias?
- De acordo com sua interpretação do poema, você acha que vale a pena guardar sentimentos ruins? Acha que é difícil perdoar?

APROFUNDANDO A CONVERSA

- Como os textos se relacionam?
- Qual aspecto você considerou mais importante em cada um dos textos?

FECHANDO A CONVERSA:

Anote em seu diário de leitura as impressões sobre o encontro. O que pensou a respeito dos textos, da música e do nosso compartilhamento de pensamentos. Diga quais pontos discutidos foram novidade, que ainda não haviam parado para refletir sobre.

SOBRE OS AUTORES DO ENCONTRO

Luis Fernando Verissimo

Foi um escritor gaúcho conhecido por suas crônicas e contos de humor. Filho do escritor Érico Verissimo e de Mafalda Halfen Volpe, nasceu em 26 de setembro de 1936 em Porto Alegre. Em 1973 fez sua primeira publicação, “O Popular”, uma coletânea de textos bem humorados já publicados em jornais onde havia trabalhado. Verissimo escreveu para diversos jornais e revistas do país. Em 1981, na Feira do Livro de Porto Alegre, lançou o livro de crônicas “O Analista de Bagé”, que se esgotou em dois dias.



Verissimo nos deixou no dia 30 de agosto de 2025, aos 88 anos de idade, em Porto Alegre, sua cidade natal.

Fonte: <https://www.unisinos.br/biblioteca/verissimo>

Paulo Mendes Campos

Poeta, tradutor e cronista refinado, Paulo Mendes Campos nasceu em 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte (MG), filho do médico e escritor Mário Mendes Campos e de Maria José Lima Campos. Criado com nove irmãos em ambiente familiar de políglotas e anglófonos, foi a mãe quem lhe despertou o gosto pela poesia. Em 1937, conheceu o adolescente de mesma idade Otto



Lara Resende, em São João del-Rey, que seria seu amigo de toda a vida. No ano seguinte, em Belo Horizonte, onde passou a morar, os dois rapazes juntaram-se a Fernando Sabino e Hélio Pellegrino: formava-se o lendário quarteto que Otto batizaria de “os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”

Cursou Odontologia, Veterinária e Direito, sem concluir nenhum deles, mas foi só entre os anos de 1939 e 1945, quando exerceu o jornalismo, primeiramente em O Diário, de Belo Horizonte, e depois em outros periódicos da mesma cidade, como redator, que enfrentaria sua vocação “mais séria e mais alta”, igualmente na prosa e na poesia, como observaria Otto Lara Resende.

Paulo Mendes Campos morreu em 1º de julho de 1991, no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-paulo-mendes-campos/>

Cecília Meireles

Cecília Meireles foi uma escritora, professora, jornalista e pintora brasileira que iniciou sua carreira na literatura aos 18 anos de idade. Considerada uma das maiores poetisas do Brasil, ela deixou contribuições no conto, crônica, literatura infantil e folclore.



Cecília foi a primeira voz feminina de grande expressividade na literatura brasileira, se destacando na segunda fase do Modernismo no Brasil, no grupo de poetisas que consolidaram a Poesia de 30.

A escritora que teve mais de 50 obras publicadas ficou conhecida mundialmente. Ela teve sua poesia traduzida para o espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, húngaro, hindi e urdu. Ela recebeu prêmios literários, comandou um programa sobre literatura na rádio, viajou pelo mundo, fundou a primeira biblioteca infantil do Brasil, no pavilhão Mourisco, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/biografias/cecilia-meireles>

5º ENCONTRO "RELAÇÕES DE TRABALHO"

PARA INÍCIO DE CONVERSA

As relações de trabalho são, antes de qualquer coisa, relações humanas. Saber valorizar cada ofício, principalmente aqueles que passam despercebidos, é de extrema importância para a construção de uma sociedade que valoriza o outro. Para pensarmos a respeito dessa questão, selecionamos a crônica *O Padeiro* de Rubem Braga e a canção "Cidadão" de Zé Geraldo.

1º MOMENTO

FACILITANDO A INTERAÇÃO COM OS TEXTOS

1º Perguntas para contextualizar o tema:

Para despertar o interesse dos estudantes pela temática proposta, o encontro pode ser iniciado com as seguintes perguntas reflexivas:

- Quais são os trabalhos (ofícios) que você acha essenciais no dia a dia das pessoas?
- Você acha que esses trabalhadores são valorizados?

2º **Leitura compartilhada:**

Este momento é reservado para a leitura da crônica. Peça para que cada estudante leia um trecho da crônica, ou se preferirem, apenas um pode fazer a leitura em voz alta.

1º **CRÔNICA**

O padeiro

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é o lockout, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

- Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz

que vinha lá de dentro perguntando quem era: e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”.

E assobiava pelas escadas.

BRAGA, Rubem. *O padeiro*. In: **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática. 1989. p. 63

2º CRÔNICA

A vida na vaga

NO COMEÇO ele tinha de chegar de carro à Berrini duas horas e meia antes do horário de expediente para conseguir estacionar. Era um problema, sobretudo para quem, como ele, não gostava de acordar cedo; mas, lutador que era, não deixava se intimidar por aquilo. Chegava cedo, sim, e tratava de usar o tempo da melhor maneira possível: escutava rádio, lia jornal, e até escrevia – ficcionista frustrado tinha o projeto de um grande romance e, aos poucos, ia digitando no laptop uma e outra cena.

Mas – e isso apesar da crise – a situação se agravou. Em breve, duas horas e meia de antecedência não eram suficientes. Ele aumentou-as para quatro horas. Agora dormia menos ainda, mas, em compensação, ficava cada vez mais atualizado com as notícias de rádio e de jornal. E, ah sim, o romance ia crescendo.

A primeira parte já estava quase pronta, e ele começava a projetar as outras. Tinha de lutar contra o invencível sono, claro, mas a térmica com café (e ele esvaziava-a toda) ajudava um pouco.

Contudo, mais e mais carros entravam na luta por uma vaga. Ele começou a chegar seis horas antes do expediente. Era ainda noite fechada quando estacionava, mas, de novo, isso não o perturbava; ao contrário, até gostava do silêncio que então reinava naquela artéria em outros horários tão movimentada. Isso também mudou a sua rotina familiar, claro; depois de jantar com a mulher e os dois filhos não ia para a cama: cochilava umas horas na poltrona e seguia para o carro.

Passava mais tempo no veículo, mas isso só fazia aumentar seu universo cultural: além de rádio e jornais, lia revistas, livros diversos (estava pensando em fazer um mestrado) e, logicamente, trabalhava no seu romance, cada vez maior. E o problema do estacionamento sempre crescendo. Chegou um momento em que ele chegava em casa, jantava apressado, e, embarcando no carro, retornava para a Berrini. Por fim chegou à conclusão de que não valia mais a pena a volta ao lar.

Atualmente sai do escritório, come alguma coisa numa lanchonete, e vai direto para o carro, esperar a hora de retornar ao trabalho. A mulher e os filhos é que vêm visitá-lo no veículo, que se transformou assim numa espécie de lar. Não, ele não se queixa. Vê algumas vantagens na nova situação. Não precisa dirigir mais, não se estressa no trânsito, não gasta combustível.

É um homem cada vez mais culto, uma verdadeira enciclopédia

ambulante (quando deambula, claro). E seu romance, que já está com mais de mil laudas, tem tudo para ser uma grande obra literária. O título, ainda provisório (muitas coisas em deambular nossa existência são provisórias). é “A vida na vaga”.

SCLYAR, Moacir. *A vida na vaga*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 mar. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0903200906.htm> . Acesso em: 02 out. 2025.

QUESTÕES PARA REFLETIR

- O que você acha que a vaga no estacionamento representa, nessa crônica?
- Você acha que atualmente a relação vida x trabalho é diferente da de antigamente? Por quê?

2º MOMENTO

Vamos iniciar esse segundo momento ouvindo a canção “Cidadão” de Zé Geraldo enquanto acompanhamos a letra.

Tá vendo aquele edifício, moço?

Ajudei a levantar

Foi um tempo de aflição

Era quatro condução

Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto

Olho pra cima e fico tonto

Mas me vem um cidadão

E me diz, desconfiado

Tu tá aí admirado

Ou tá querendo roubar?

Meu domingo tá perdido

Vou pra casa entristecido

Dá vontade de beber

E pra aumentar o meu tédio

Eu nem posso olhar pro prédio

Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio, moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Fiz a massa, pus cimento
Ajudei a rebocar

Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai, vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar

Essa dor doeu mais forte
Por que é que eu deixei o Norte?
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer

Tá vendo aquela igreja, moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também

Lá foi que valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo me disse

Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asa
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

Zé Geraldo

Disponível em:

<https://www.lettras.mus.br/ze-geraldo/68686/>

- Qual a temática principal abordada na música?

- A canção diz “Por que é que eu deixei o Norte?” sugerindo que o personagem é um migrante que não encontrou boas condições no local onde se instalou. Você conhece alguém que passou pela mesma situação? A experiência foi boa ou ruim?

APROFUNDANDO A CONVERSA

- Como os textos se relacionam?
- A partir de seus conhecimentos e dos textos, como você vê a valorização do trabalhador braçal em nossa sociedade?
- Os textos mostram trabalhadores essenciais à sociedade. Por que tais trabalhadores ainda não são tratados com dignidade?

FECHANDO A CONVERSA:

Anote em seu diário de leitura as impressões sobre o encontro. O que pensou a respeito dos textos, da música e do nosso compartilhamento de pensamentos. Diga quais pontos discutidos foram novidades, que ainda não haviam parado para refletir sobre.

Rubem Braga

Considerado por muitos leitores como o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis, Rubem Braga nasceu em Cachoeiro de Itapemirim/ES em 12 de janeiro de 1913. Iniciou seus estudos em Cachoeiro e, ainda no ginásio, mudou-se para Niterói, onde estudou no Colégio Salesiano. Iniciou a faculdade de Direito no Rio de Janeiro, mas se formou em Belo Horizonte/MG, em 1932, depois de ter participado como repórter de cobertura da Revolução Constitucionalista naquele estado brasileiro.



Como jornalista, exerceu as funções de repórter, redator, editorialista e cronista em jornais e revistas do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. Foi correspondente de O Globo em Paris, em 1947, e do

Correio da Manhã em 1950. Em 1953, foi nomeado Chefe do Escritório Comercial do Brasil em Santiago, Chile. Em 1961, tornou-se Embaixador do Brasil no Marrocos, mas nunca se afastou do jornalismo. Fez reportagens sobre assuntos culturais, econômicos e políticos na Argentina, nos Estados Unidos, em Cuba, e em outros países.

Em 1968, com Fernando Sabino e Otto Lara Resende fundou a Editora Sabiá, responsável pelo lançamento no Brasil de escritores como Gabriel Garcia Márquez, Pablo Neruda e Jorge Luís Borges.

Escrevia crônicas e críticas literárias para o Jornal Hoje, Rede Globo e faleceu em 19 de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro. Conforme seu pedido, foi cremado e teve as suas cinzas devolvidas à sua terra natal.

Fonte: <https://www.bienalrubembraga.com.br/rubem-braga>

Moacyr Jaime Scliar

Nasceu a 23 de março de 1937, no hospital da Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre (RS). Seus pais, José e Sara Scliar, oriundos da Bessarábia (Rússia), chegaram ao Brasil em 1904. Filho mais velho do casal, que teve ainda Wremyr e Marili, desde pequeno demonstrou inclinações literárias. O próprio nome Moacyr já é resultado dessa afinidade. Foi escolhido por sua mãe Sara após a leitura de *Iracema*, de José de Alencar, significando “filho da dor”. Ele próprio dizia: “os nomes são recados dos pais para os filhos e são como ordens a serem cumpridas para o resto da vida”.



Autor de 74 livros em vários gêneros: romance, conto, ensaio, crônica, ficção infanto-juvenil, escreveu, também, para a imprensa. Obras suas foram publicadas em muitos países: Estados Unidos, França, Alemanha,

Espanha, Portugal, Inglaterra, Itália, Rússia, Tchecoslováquia, Suécia, Noruega, Polônia, Bulgária, Japão, Argentina, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Canadá e outros países, com grande repercussão crítica.

Teve textos adaptados para o cinema, teatro, tevê e rádio, inclusive no exterior.

Sétimo ocupante da Cadeira nº 31, eleito em 31 de julho de 2003, na sucessão de Geraldo França de Lima e recebido em 22 de outubro de 2003 pelo Acadêmico Carlos Nejar. Faleceu em 27 de fevereiro de 2011, em Porto Alegre, aos 73 anos.

Fonte: <https://www.academia.org.br/academicos/moacyr-scliar/biografia>

Zé Geraldo

Nascido em Rodeiro, então distrito de Ubá, no interior de Minas Gerais, José Geraldo Juste mudou-se para São Paulo aos 18 anos, para estudar e trabalhar.

Ele queria ser jogador de futebol, mas seu sonho de juventude foi interrompido em 1966, ao ficar gravemente ferido em um acidente de ônibus que sofreu

quando voltava das férias de fim de ano com a família em Governador Valadares, cidade em que cresceu.

Em 1967, de volta à São Paulo, Zé Geraldo gravou seu primeiro compacto, pela gravadora Rozenblit, com as canções "A Garota do Show" e "A Bela e a Fera", e – no ano seguinte – mais dois compactos. Nesta época, ele usava como nome artístico um dos seus apelidos no futebol: Zegê. E foi com ele que lançou o seu primeiro álbum, "Zegê e The Silver Jets", em 1970.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Maneira de olhar*. In: **70 historinhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BRAGA, Rubem. *O padeiro*. In: **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática. 1989. p. 63

BRAGA, Rubem. **Crônicas para jovens**. 2. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2018. p. 113-114.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Dieta do homem*. In: **O anjo bêbado**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969. p. 102-104.

CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão* (Prefácio). In: ANDRADE, Carlos Drummond de *et al.* **Para gostar de ler**, vol.5 - Crônicas. São Paulo: Ática, 1987, p.4-13.

CARVALHO, L. Q. de; MACHADO, A. S.; COUTINHO, G. D.; LEITE, J. L. O conto “A Carteira” de Machado de Assis: uma experiência de incentivo à leitura literária no Ensino Fundamental II. **The Specialist**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 285–305, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e69100.

CARVALHO, Letícia Queiroz de. A leitura na escola: as contribuições de Mikhail Bakhtin para a formação do leitor responsivo. **Pensares em Revista**. Rio de Janeiro, n.5, pág. 171-182, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/15674/12434> . Acesso em: 10 out. 2025.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Para Maria da Graça*. In: **O amor acaba**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/para-maria-da-graca-cronica-de-paulo-mendes-campos/> . Acesso em 01 out. 2025.

CUNHA, Antonieta. *A crônica* (Prefácio). In: BRAGA, Rubem. **Crônicas para jovens**. 2. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2018.

HATOUM, Milton. *Catadores de tralhas e sonhos*. **Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo, em 27 de março de 2015. Caderno 2. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,catadores-de-tralhas-e-sonhos-imp-,1658853> . Acesso em 30 set. 2025.

LOBATO, Manoel. *O homem da favela*. In: LEITE, Alcione Ribeiro (Org.). **O fino do Conto**. Belo Horizonte. Editora RHJ, 1989.

MEIRELES, Cecília. *Canção do amor-perfeito*. In: **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/o-tempo-seca-o-amor-poema-de-cecilia-meireles/> . Acesso em: 01 out. 2025.

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

SCLYAR, Moacir. *A vida na vaga*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 mar. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0903200906.htm> . Acesso em: 02 out. 2025.

SIMON, L. C. S. A crônica e o ensino de literatura. **Contexto** [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Letras. – n. 27 (2015). Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contexto/issue/view/569> . Acesso em: 24 mai. 2024.

VERISSIMO, Luis Fernando. *História estranha*. In: **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

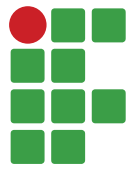
VERISSIMO, Luis Fernando. *ABC*. In: **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Segurança*. In: **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 97-99.

VERISSIMO, Luis Fernando. *A aliança*. In: **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <https://imars.com.br/wp-content/uploads/2018/11/1o.-ano-As-mentiras-Que-Os-Homens-Conta-Luis-Fernando-Verissimo.pdf>. Acesso em: 01 out. 2025.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O nariz*. In: **O nariz e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1994. p.73-74. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/o-nariz-cronica-de-luis-fernando-verissimo/> . Acesso em: 01 out. 2025.





INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO



PROFLETRAS

